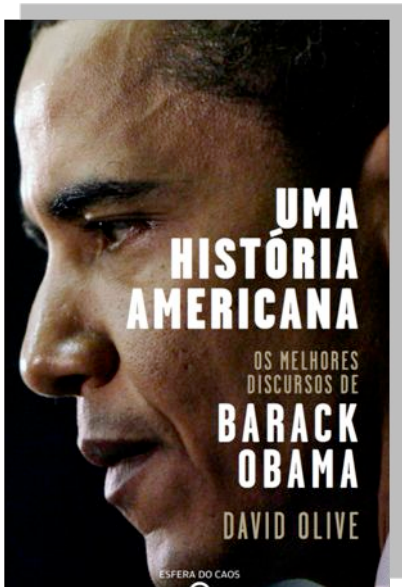




ESFERA DO CAOS
EDITORES



TÍTULO: Uma História Americana: Os Melhores Discursos de Barack Obama

AUTOR: David Olive (textos de enquadramento e selecção dos discursos)

AUTOR DO PREFÁCIO: Viriato Soromenho-Marques

CONSULTOR DA EDIÇÃO PORTUGUESA: José Gomes André

COLECÇÃO: Ideias (12)

NÚMERO DE PÁGINAS: 352

PREÇO DE VENDA AO PÚBLICO: 18,80 Euros

DATA DE PUBLICAÇÃO: Outubro de 2008

ISBN: 978-989-8025-63-0



Publicado na edição de 8 de Outubro de 2008 do «Jornal de Letras»

TEXTO PARA PRÉ-PUBLICAÇÃO

(EXTRAÍDO DO PREFÁCIO DE VIRIATO SOROMENHO-MARQUES)

OBAMA: UMA PROMESSA AMERICANA

1 Dentro de poucas semanas se saberá o desfecho do desafio lançado por Barack Obama aos eleitores norte-americanos. Seja qual for o resultado das eleições presidenciais de Novembro de 2008, o senador democrata do Illinois já fez história ao tornar-se no primeiro afro-americano a apresentar-se, depois de uma luta renhida contra uma poderosa concorrência, como candidato nomeado por aclamação pela Convenção Nacional Democrata.

Como sempre ocorre com todas as personalidades que ganham notoriedade iconográfica na sociedade mediática global em que nos encontramos submersos, Barack Obama encontra-se escondido, na complexidade da sua personalidade, na subtilidade do seu pensamento e na raridade do seu percurso pessoal pelas luzes e sombras da sua própria popularidade. Julgo que aí reside uma das principais utilidades desta obra que chega ao leitor português no tempo oportuno. Ela permite que o leitor contacte directamente com o discurso político de Obama, proferido nos últimos seis anos, ao longo dos 21 discursos aqui coligidos por David Olive. Nesta obra condensa-se um pensamento, uma visão da política, do seu papel, valores e limites



que se estenderão muito para além do veredicto que o eleitorado dos EUA possa pronunciar sobre o mérito da candidatura de Obama à mais alta magistratura federal.

Na escrita de Obama ecoa a cada passagem um profundo conhecimento da história americana, da riqueza da sua Constituição e respectivos ciclos de exegese pelo Supremo Tribunal. Nos seus discursos desfilam nomes inspiradores de grandes presidentes, notáveis senadores, mas também outras figuras do mundo da cultura, incluindo escritores, pastores e pregadores. Trata-se de uma cultura, todavia, que jamais aparece, para quem o escuta ou para quem o lê, como caída de um pedestal inacessível de erudição, ou como manifestação de elitismo académico. Um dos maiores oradores de sempre da política norte-americana, Obama é servido por uma escrita límpida e fluida, que junta a capacidade projectiva e espiritual de um Luther King, Jr., com o apelo mobilizador da retórica de um John F. Kennedy. O seu verbo, forjado nas assembleias de gente pobre de Chicago, quando em 1985 se tornou num organizador cívico ao serviço de Igrejas afro-americanas nessa grande urbe do Illinois, nunca perde a ligação às raízes, às imagens mais concretas, às emoções mais comuns, mesmo quando desperta nos seus ouvintes uma espécie de percepção dos valores mais nobres e dos princípios mais elevados.



2 Apesar das ondas de choque causadas dentro e fora dos EUA pelo “fenómeno Obama”, a sua visão da política, das tarefas a desempenhar pelas instituições e pela cidadania pode ser considerada como tudo, menos como “revolucionária”.

Num sentido que faz evocar a leitura que o grande pensador político irlandês, Edmund Burke, efectuava no final do século XVIII das diferenças entre a experiência da Independência Americana e a voragem da Revolução Francesa, podemos afirmar que o programa de Obama visa essencialmente restaurar a grandeza e a dignidade da acção política numa democracia antiga como o é a americana. Trata-se não de um passo no desconhecido, mas sim de recuperar um tesouro perdido e esquecido pela predominância do manobrismo e do cinismo políticos nos bastidores de Washington. Nos seus discursos, Obama fala-nos nos momentos de recuo e sombra da história dos EUA (sendo um dos mais graves o das duas administrações de G. W. Bush, que agora se encerram), mas também na capacidade de recuperação e recomeço. É assim que interpreta a sua própria corrida a Presidente. Um contributo para que os EUA retomem o fio da sua identidade, quebrada por anos sucessivos de violação da Constituição e de transgressão dos valores básicos da ética pública, de subversão das instituições federais pela lógica predatória dos grupos de pressão privados, em detrimento do serviço do interesse público.

3 Por muito grande que, compreensivelmente, seja o enfoque de Barack Obama na política doméstica, à luz do vendaval de ruínas económicas, financeiras e sociais deixado pelos republicanos, a verdade é que a «doutrina Obama» não faz exclusão, bem pelo contrário, da importantíssima esfera da política externa.

Barack Obama tem sido claro e coerente no elenco das prioridades da sua agenda internacional. No mesmo plano de urgência absoluta e inadiável, as “ameaças



comuns do século vinte e um” são as seguintes: terrorismo e proliferação nuclear; alterações climáticas e pobreza; genocídio e pandemias.

Obama é um dos poucos líderes mundiais que expressa com clareza a natureza *ecuménica* e *ontológica* de algumas das ameaças que afligem hoje todo o sistema internacional, no fundo, a humanidade inteira. G.W. Bush afastou os EUA do Protocolo de Quioto, transformando os EUA num Estado irresponsável no que diz respeito a uma das principais ameaças ao futuro da humanidade. O motivo para tal foi o estatuto da China e da Índia, que no âmbito do Protocolo, e até 2012, não têm, ainda, responsabilidade na redução das emissões de gases com efeito de estufa. Será que os EUA ganharam alguma coisa com esse abandono? O furacão Katrina mostrou que nenhum país constitui santuário para a ameaça global e omnipresente que são as alterações climáticas. O mesmo é válido para a pobreza. Obama colocou como prioridade o combate à pobreza no plano internacional, através do aumento da ajuda oficial ao desenvolvimento e do incentivo às agências humanitárias norte-americanas actuando nos países em vias de desenvolvimento. Quem ganha com a pobreza internacional generalizada? Sem dúvida que os países que acolhem imensos fluxos de imigrantes ilegais e não qualificados, como é o caso dos EUA, estarão entre os perdedores.



4 A vitória de Barack Obama, se acontecer, não trará nenhuma revolução na política externa de Washington. Interromperá, sem dúvida, o período exótico, errático e perigoso de uma administração que colecionou derrotas e desiluiu aliados em quase toda a parte, para fazer regressar os Estados Unidos, no essencial, ao rumo dos momentos mais altos da sua «grande política» anterior. Nesse possível e próximo regresso da América, Obama inspira-se nos grandes presidentes que prepararam os Estados Unidos para as tarefas e responsabilidades de ser a maior potência mundial: Woodrow Wilson, profeta da paz como «comunidade de poder», e não afirmação hegemónica; Franklin Delano Roosevelt, o arquitecto das Nações Unidas; John F. Kennedy, o pioneiro do desanuviamento que salvou o mundo da catástrofe nuclear.

Com Barack Obama como Presidente a América promete, também na política externa, voltar a ser fiel a si própria. Combinar idealismo e pragmatismo. Substituir a deriva ideológica dos últimos anos por uma administração competente no exercício das suas reais possibilidades, e uma adaptação realista aos seus limites efectivos, estreitando alianças e diminuindo as tensões onde tal não coloque em causa interesses e valores fundamentais. Obama promete à comunidade internacional uma presidência à altura das dificuldades de um mundo cada vez mais multipolar, muito mais complexo e interdependente do que alguma vez o foi. Uma América que recusa o unilateralismo ou a demanda patética de uma hegemonia obsoleta e perigosa, para escolher o único caminho da liderança eficaz e legítima. A liderança pelo exemplo.

20 de Setembro de 2008
Viriato Soromenho-Marques